

PATRICIA PAPERMAN E UMA DEFESA EPISTEMOLÓGICA DA PERSPECTIVA DO CUIDADO PARA A TEORIA SOCIAL

Henrique da Costa Valério Quagliato¹

Resenha da obra: PAPERMAN, Patrícia. *Cuidado y sentimientos*. Tradução de Agoustina Blanco. 1ª Ed. Buenos Aires, Fundación Medifé Edita, 2019. 64p.

Patrícia Paperman, professora do Departamento de Ciência Política da Universidade de Paris VIII, tem sido, há mais de 15 anos, colaboradora fundamental no avanço global dos estudos do cuidado enquanto ramo pertencente à teoria feminista e aos estudos de gênero. A autora tem sua participação estampada em publicações importantes da área – como *Qu'est-ce que le care?* (2009), onde, junto de Pascale Molinier e Sandra Laugier, organiza uma reflexão que explora a miríade de possibilidades para aplicação do *care* como conceito para a pesquisa sociológica – e conta até mesmo com traduções para o português – me refiro ao artigo *Descompartimentar a noção de cuidado?* (MOLINIER; PAPERMAN, 2015) publicado pela *Revista Brasileira de Ciência Política*. Às vésperas da comemoração de 40 anos da publicação original de *In a Different Voice*, o clássico feminista norte-americano escrito por Carol Gilligan em 1982 que, mais tarde, se tornaria pedra angular em muitas das narrativas sobre a perspectiva do *care* dentro dos estudos feministas, a comunidade de estudos do cuidado na América Latina pode comemorar a tradução de *Care et sentiment* (2013) para o espanhol.

Nesse pequeno e importante ensaio, Paperman recupera algumas das possibilidades epistêmicas contidas na inauguração do cuidado como perspectiva de análise útil para as Ciências Sociais. Especificamente, a autora recupera a temática a partir de um fôlego semelhante àquele que deu impulso à teoria do ponto de vista e da valorização da experiência das mulheres como fator transformador das formas de construção de conhecimento.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, Mestre e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma instituição. Membro do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR. Bolsista CAPES. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9632-0548>. Contato: henriquequagliato95@gmail.com

A primeira seção do livro se intitula *Convergencias: conocimiento desde el interior*. Não é de se estranhar que, desde a primeira linha do texto, Paperman proponha um diálogo com Dorothy Smith, autora de *The Conceptual Practices of Power: A Feminist Sociology of Knowledge* (1990). O início de *Cuidado y sentimientos* deixa claro o intuito de registrar a história dos estudos do cuidado a partir de sua potência analítica e seu entrecruzamento com a crítica feminista das formas de conhecer, que ganha fôlego nas décadas de 1980 e 1990. O enquadramento proposto pela autora para o entendimento das ideias de Gilligan traz ao primeiro plano um projeto de desfazer a descontinuidade entre formas objetivadas de conhecer impessoalmente através de uma razão abstraída e maneiras de conhecer a partir de dentro, desde a sensibilidade e a realidade concreta que ela alcança.

Quando Paperman aproxima Smith e Gilligan a partir de uma proposta de resistência ao que se refere como modelo patriarcal de conhecimento, que comumente desconsidera o conhecimento a partir do particular e concreto, está subentendido, como plano de fundo, um longo debate sobre a crítica feminista da ciência. *In a Different Voice* pertence aos anos 1980 e, por isso, não podemos nos esquecer que, desde o fim da década anterior, autoras como Sandra Harding (1979) já fomentavam um projeto de desestabilização das formas de objetivistas de conhecer a partir da denúncia do entrecruzamento entre ciência moderna e masculinismo. Em *Reflections on Gender and Science* (publicado originalmente em 1985), Evelyn Fox Keller adaptaria o modelo khuniano de análise a uma crítica que constatava a relação entre as formas sancionadas de conhecer cientificamente e a exclusão das mulheres como sujeitos do conhecimento – projeto que receberia continuidade a partir de textos como *The Man of Reason*, publicado por Genevive Lloyd em 1989, mas também das obras de pensadoras como Dorothy Smith e Helen Longino nos 1990. Outras obras, que surgiram como efeitos diretos do impacto da obra inaugural de Gilligan – podem ser citados textos como *Caring: A Relational Approach to Ethics and Moral Education*, lançado em 1984 por Nel Noddings, ou *Maternal Thinking*, publicado por Sarah Ruddick em 1989 –, são frutos que não caíram muito longe da mesma árvore do conhecimento que conectava as discussões sobre experiências das mulheres, os feminismos da diferença, a teoria do ponto de vista, dos saberes localizados e da situacionalidade do sujeito conhecedor.

O enquadramento através do qual Paperman remonta os argumentos contidos na inversão retórica que *In a Different Voice* aplica sobre a lógica do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg deve, para a autora, ser lido como uma provocação para os modos

de investigação sociológicas. A ética do cuidado coloca para a Teoria Social questões como: quem tem a autoridade para delimitar o que é no que se baseia a moral? Dessa forma, a recuperação das ideias de Gilligan se justifica pela tentativa de ampliação das formas de conhecer que, levando em conta como o modelo que marca a socialização feminina – pautado pela responsabilidade, responsividade e atenção às especificidades das relações concretas entre as partes de uma mesma rede de inter-relações –, pôde propor formas de imaginar o sujeito do conhecimento para além daquelas que herdaram o formato abstrato e masculinista de prescrição de condutas a partir da hierarquização de valores – onde a explicação da sociabilidade é reduzida a um conjunto de formulações racionais concebidas a partir de um sujeito descorporificado, para além de seu próprio lugar no interior de uma teia de outros atores sociais.

Intitulada *Dicotomías y desplazamientos: lo que nos enseñan los sentimientos*, a segunda seção do texto se preocupa com a localização das emoções na organização do mundo social e nas formas de analisá-lo. Para Paperman, a influência das delimitações elaboradas pelas teorias clássicas da Sociologia, como as de Weber – promotor da ideia de uma neutralidade axiológica como pressuposto para investigação científica – e Durkheim – que postulou a desconsideração dos “juízos de valor” como pré-requisito da pesquisa sociológica –, forma um obstáculo para a consideração dos sentimentos e da subjetividade como elementos amplamente capazes de compor a gramática da explicação dos fenômenos sociais. Para a autora, a separação entre questões estruturais e fenômenos idiossincráticos replicava-se na separação entre sentimentos coletivos e sentimentos individuais.

Contudo, o argumento de Paperman se apoia no desafio epistemológico e crítico proposto pelas teorias do cuidado enquanto herdeiras do mote feminista que afirma o pessoal como político. A distinção entre sentimentos pertinentes e impertinentes para a empreitada sociológica se apoia em uma hierarquização que, para a autora, funciona, nas Ciências Sociais, como a tendência conservadora da “ciência normal” estabelecida pelo vocabulário de Thomas Kuhn que, como sabemos, opera preocupada em produzir encaixes entre os fenômenos observáveis com intuito de solidificação das fronteiras do paradigma em voga. Assim, o critério para separação entre sentimentos mais ou menos apropriados para a investigação sociológica construía suas fronteiras em torno dos sentimentos delimitados pela autora como típicos, convencionais e legítimos.

Ora, um dos objetivos fundamentais de debates como aqueles propostos pelas teóricas feministas ao longo da maior parte do século XX se refere justamente à

evidenciação da existência de formas de pensar e sentir para além daquelas legitimadas pelas narrativas históricas modernas. Leituras clássicas produzidas por Simone Beauvoir², Adrian Rich³, Nancy Chodorow⁴, Angela Davis⁵ e de Patrícia Hill Collins⁶ dedicam centenas de páginas a constatação de vivências, sentimentos e discursos excluídos da vida pública “comum”. Como afirma Paperman:

Esa descalificación, al emerger en juegos de lenguaje particulares, está implícitamente articulada mediante categorizaciones en términos de género, de clase, de "raza": mujeres, niños, pobres y salvajes son minorizados en nombre de su naturaleza emocional. (PAPERMAN, 2019, p. 27).

Nesse sentido, a autora afirma que separação hegemônica da vida em esferas binárias como público e privado, masculino e feminino, razão e sentimento, ativo e passivo etc., quando incorporada e corroborada pelo saber sociológico, serviu como uma espécie de delimitação da pertinência analítica que, como resultado final, reforçava e vigiava as fronteiras entre objetos legítimos e ilegítimos do conhecimento.⁷ O caráter negativo e silenciador atribuído aos sentimentos e às idiossincrasias só se aplicava aos sentimentos e idiossincrasias vinculados determinados grupos sociais. Para Paperman, levar em conta a importância do cuidado e da sensibilidade para a investigação sociológica significa desafiar as fronteiras do sujeito moderno imparcial e conhecedor do mundo como entidade descorporificada refugiada na esfera neutra da razão que habitou as teorias como as de Kant ou Rawls, inserindo o campo dos sentimentos – e a ampla gama de sociabilidades que ele alcança – nas formas de conceber o mundo.⁸ A perspectiva

² *O Segundo Sexo*, originalmente publicado em 1949.

³ *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*, originalmente publicado em 1976.

⁴ *The Reproduction of Mothering Psychoanalysis and the Sociology of Gender*, originalmente publicado em 1978.

⁵ *Mulheres, raça e classe*, originalmente publicado em 1981.

⁶ *Pensamento Feminista Negro*, originalmente em 1990.

⁷ Um exemplo bastante representativo a ser citado é o de Susan Bordo que, na mesma década, em *The Flight to Objectivity: Essays On Cartesianism and Culture* (1987). A autora analisa o racionalismo cartesiano e constata que o objetivismo de seu método operou, entre outras funções, como o efeito de uma “fuga da feminilidade”, característica da cultura europeia do século XVII e sua proto-modernidade. Através de um discurso binário, esse contexto cria a herança de um modo de conhecer que alinha masculinidade com objetividade e feminilidade com a incerteza do saber subjetivo.

⁸ É importante lembrar que esse esforço de reconcepção das ferramentas do conhecimento a partir da consideração dos sentimentos como elemento para análise social não têm sua justificativa em suposições sobre a conexão inerente ou natural entre a mulher e algum tipo de “natureza sentimental”. A crítica epistemológica e política que a perspectiva do cuidado constrói responde, antes de mais nada, à exclusão em nome da caracterização dos sujeitos femininos como sujeitos excessivamente (ou negativamente) sentimentais sobre a qual se apoiou o arranjo patriarcal que denota as sociedades ocidentais. A reconsideração de, ambos, a experiência feminina e a possibilidade trazida pela reconsideração dos

do cuidado proposta pela autora francesa traz consigo a possibilidade de reconsiderar esses elementos – não como uma espécie de destruição da razão ou uma ode ao idiossincrático, mas como uma ampliação ferramental no escopo epistemológico da análise sociológica.⁹

A terceira e última seção – *Trabajo de cuidado, trabajo del conocimiento* – se inicia remontando o surgimento da ética do cuidado na década 1980 como uma resposta à ascensão do liberalismo econômico encabeçado por figuras como Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Nesse momento, o retraimento das instituições de bem-estar social e assistência pública remontam a uma nova instalação de políticas austeridade – que, poucos anos depois, se tornariam uma das características fundamentais do que hoje chamamos de neoliberalismo. Nesse raciocínio, umas das formas de conceber o cuidado como valor ético e político vem dos momentos em que seu entendimento enquanto resistência à redução das esferas de proteção social se torna necessário. Por sua vez, essa ideia remete aos argumentos previamente apresentados pela própria autora a respeito da potência crítica do cuidado como uma proposta de valorização das perspectivas marginalizadas.

Se continuássemos a contar a história do desenvolvimento dos estudos do cuidado à qual Paperman retorna, perceberemos que essa perspectiva ganha grande fôlego intelectual ao longo das últimas décadas. No fim da década de 1990, a cientista política Joan Tronto (2013) direciona a crescente agitação das discussões sobre a miríade de temas que surgiram das reverberações do texto de Gilligan. Ela o faz construindo uma proposta política de visibilidade pública da interdependência assimétrica e da interconexão não reconhecida enquanto elementos centrais em torno dos quais deveríamos reorganizar radicalmente os objetivos de nossas democracias. Assim, os estudos do cuidado atingem um novo patamar. A internacionalização da discussão sobre o tema – que talvez tenha como seu maior triunfo a solidificação do termo “crise do cuidado”, utilizado amplamente

sentimentos, surge justamente por conta de seu afastamento relegado aos mesmos espaços sociais tidos como desimportantes para a elaboração das formas de conhecer a sociedade.

⁹ Como exemplo de uma análise que pretende dar conta dessa integração na filosofia e teoria social, a autora cita o importante trabalho de Susan Moller Okin, *Reason and Feeling in Thinking about Justice*, publicado originalmente em 1989. A popularização dos estudos do cuidado no Brasil fizeram com que empreitadas similares também fossem desenvolvidas com bastante competência por intelectuais como Tânia Kuhnen – recomenda-se a leitura de sua tese, *O princípio universalizável do cuidado: superando os limites de gênero na teoria moral* (2015) para maior aprofundamento no tema.

entre diferentes áreas das ciências humanas e sociais aplicadas – lhe confere nova amplitude epistêmica e política à medida que é apropriada por países do Sul Global.¹⁰

Chamar de cuidado todas as práticas e disposições ligadas à manutenção da vida e do mundo à nossa volta, visando uma vida melhor para todas e todos implica em reconhecer, como afirma Tronto (2013) que todos nós fizemos e faremos uso de cuidado em diferentes momentos em nossas vidas. O reconhecimento dessa vulnerabilidade compartilhada oferece as bases para o que Paperman chama de uma concepção *holística* do cuidado, capaz de oferecer uma gramática unificadora para diferentes perspectivas subalternizadas, colocando-as como protagonistas de um processo de transformação política, mas também das estruturas de conhecimento.

Por consequência, para a autora, o cuidado rearranja epistemologicamente os objetos clássicos da Teoria Social sob uma nova luz. À luz das perspectivas advindas de grupos historicamente minorizados, essa perspectiva permite enxergar relações de interdependência até então pouco reconhecidas. Em muitos contextos, as Ciências Sociais continuam operando como uma concepção de indivíduo radicalmente autossuficiente que só permanece dessa forma por conta do silenciamento a respeito do uso que faz de práticas de cuidado ao longo de sua vida. Desvalorizadas, essas tarefas são realizadas por pessoas que vivem em piores condições socioeconômicas – mulheres, negros e negras, populações pobres, imigrantes etc. – a serviço dos quadros privilegiados. Ao mesmo tempo, a utilização desse cuidado é a condição central para que esses grupos – homens, pessoas brancas e de classes mais bem estabelecidas – ocuparem posições privilegiadas na sociedade. As questões em torno de quem se ocupa com o que (e de que forma o fazem) em nossa sociedade reorienta a construção de problemas sociológicos a partir da experiência concreta das populações racializadas, rebaixadas por sua classe ou por seu gênero.

Poderíamos dizer que relacionar o trabalho do cuidado ao trabalho do conhecimento significa unir a *ética* do cuidado a uma *ótica* de produção do conhecimento e observação do mundo a partir dele. Não sem motivo, Paperman afirma uma

¹⁰ A América Latina concede exemplos bastante importantes para a demonstração da profundidade tomada pelas discussões sobre esse ramo de estudos, cada vez mais profícuo dentro dos debates acadêmicos sobre os estudos de gênero e a teoria feminista: há quase uma década, grandes eventos brasileiros como *Fazendo Gênero*, *Seminário Nacional de Sociologia & Política* contém desse debate em suas mesas redondas e grupos de trabalho, sendo cada vez mais comum encontrarmos livros, coletâneas e dossiês sobre o tema em língua portuguesa; recentemente também assistimos, em 2018, a realização do *Primer Congreso Latinoamericano de Estudios del Género y Cuidados* em Montevideu; o próprio *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* tem oferecido cursos internacionais com o objetivo de discutir políticas do cuidado e perspectivas de gênero para o continente. Os exemplos se multiplicam.

aproximação entre essa postura e a teoria do ponto de vista, tão importante para a epistemologia crítica construída pelo debate feminista no fim do século XX. Corroborando para o abandono do que a autora determina como uma postura monológica, a recuperação das experiências marginalizadas a partir do cuidado serviria ao objetivo de desestabilizar o consensual na construção de um método de análises colaborativo e dialógico.

Se a desestabilização das categorias do conhecimento às quais a autora se refere remetem à influência de Sandra Harding na crítica feminista à epistemologia científica tradicional, também é propício que aproximemos o esforço de reorganização das categorias sociológicas proposto por Paperman ao “jogo de leituras” do qual fala Donna Haraway (2009) para se referir a luta pela sobrevivência que depende de uma disputa pela visibilidade a partir da qual determinadas subjetividades se recusam a desaparecer frente as epistemologia e as tecnologias hegemônicas no Ocidente. Absorvendo as transformações propostas pelos estudos do cuidado, uma perspectiva mais plural torna possível o projeto de cartografar as Ciências Sociais emergentes desde as margens. Trata-se, nesse sentido, de uma proposta para desneutralizar a prática da pesquisa nas Ciências Sociais a partir de perspectivas que, ainda hoje, permanecem vastamente em segundo plano na forma como a nossa sociedade constrói aquilo que Eve Kittay, em *Love's Labour* (1999), chamou de “ideologia da autonomia”.

Transportado para o Brasil contemporâneo, o argumento de Paperman contém uma terrível pertinência. Se, para a autora, a ética do cuidado surge também como uma resposta às políticas de austeridade e diminuição do amparo social que dominaram os Estados Unidos e a Inglaterra ao longo dos anos 1980, percebemos, no caso brasileiro, uma desesperada demanda pela presença do cuidado nos debates da esfera política.¹¹ A crise sanitária causada pela pandemia do novo coronavírus, somada ao retraimento cruel das medidas de assistência pública resultam em centenas de milhares de mortes (majoritariamente entre as populações pobres e pretas), no colapso dos sistemas públicos

¹¹ Essa demanda também está enraizada nos ciclos de debate intelectual. Há mais de uma década, é possível encontrar uma quantidade cada vez maior de grupos de apresentação e discussão de trabalhos em diversos eventos nacionais e internacionais que, constantemente, têm se proposto a debater esse tema com seriedade. Podemos destacar, a título de exemplo, o *Seminário Nacional Sociologia & Política*, promovido pela Universidade Federal do Paraná, e o *Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, realizado pela Universidade Estadual de Londrina. Em 2021, eventos como o encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), o seminário *Desfazendo Gênero* - vinculado ao Centro Universitário Tiradentes por conta da atual coordenação de Verônica Marques e, assim como o evento *Fazendo Gênero* coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina contam com Grupos de Trabalho e Simpósios Temáticos sobre o tema.

e privados de saúde, bem como no retorno da fome para as camadas mais precarizadas da sociedade; trabalhadoras e trabalhadores da saúde, profissionais de serviços essenciais, mães e donas de casa enfrentam uma sobrecarga ainda maior do acúmulo de responsabilidades profissionais e domésticas. Enquanto isso, assistimos a persistência de argumentos que preterem a liberdade individual em detrimento da sobrevivência coletiva. Tudo isso aponta para uma drástica necessidade do reconhecimento das interdependências e assimetrias às quais estamos irremediavelmente ligados.

Em suma, *Cuidado y sentimientos* (2019) dá continuidade a uma importante discussão acerca da proposta que Gilligan (2003) originalmente chamou de “alargamento” do entendimento sobre as perspectivas das vidas de homens e mulheres. A tradução desse curto (mas potente) ensaio para o espanhol reforça o projeto epistemológico da consideração do cuidado enquanto postura ética e enquanto conjunto de práticas e disposições que, advindas das experiências concretas de populações marginalizadas, possibilitam reimaginar as formas de conhecer e organizar a sociedade. Contudo, em seu ímpeto de manter viva a proposta de uma alternativa epistemológica, deve ser notado que Paperman se esquece das perspectivas que se mantiveram excluídas dos estudos a respeito dessa até muito recentemente. Ainda que a perspectiva da diferença contenha noções ainda bastante frutíferas para as Ciências Sociais contemporâneas, ela muitas vezes falha em perceber as pluralidades muito comumente silenciadas em função do simplismo contido no binário masculino/feminino. Gilligan e boa parte do contexto intelectual no qual esteve inserida deram pouca atenção às intersecções entre marcadores sociais da diferença como racializações, localizações de classe, sexualidades e colonialidades. É verdade que essas discussões hoje circulam com bastante veemência dentro dos estudos do cuidado. Ainda assim, deixar de fora as limitações do aporte inicial construído sobre essa abordagem em função de suas potencialidades traz consigo o risco de, como disse Sara Ruddick (1995) ao rememorar o contexto da época, romantizar o esforço direcionado à consideração da diferença. Dito isso, pode-se afirmar que, se apropriado pelo contexto intelectual latino-americano e suas particularidades riquíssima, essa perspectiva permite expandir ainda mais os debates em torno dos limites da teoria social e das possibilidades de articulação teórico-política para o debate feminista e dos estudos de gênero no continente.

Referências

BORDO, Susan. *The Flight to Objectivity: Essays On Cartesianism and Culture*. New York, State University of New York Press, 1987.

CHODOROW, Nancy. *Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. University of California Press, California, 1978.

FOX KELLER, Evelyn. *Reflections On Gender and Science*. New Haven, Yale University Press, 1985.

GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice. Psychological Theory and Women's Development*. Harvard University Press, 2003.

HARAWAY, Donna. HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciências, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, J.; KUNZRU, H.; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2009, p. 33-118

HARDING, Sandra. The social function of the empiricist conception of the mind. *Metaphilosophy*. V. 10, N. 1. Janeiro, 1979.

LLOYD, Genevieve. *The Man of Reason*. "Male" and "Female" In Western Philosophy. Minneapolis. University of Minesota Press, 1984.

MOLINIER, Pascale; LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia Paperman. *Qu'est ce que le "care"?: Souci des autres, sensibilité, responsabilité*. Paris : Edition PAYOT, 2009.

MOLINIER, Pascale; PAPERMAN, Patricia Paperman. Descompartimentar a noção de cuidado? *Rev. Brasileira Ciência Política*, (18), Sep-Dec. 2015, pp. 43-57

PAPERMAN, Patrícia. *Cuidado y sentimientos*. Tradução de Agostina Blanco. 1ª Ed. Buenos Aires, Fundación Medifé Edita, 2019. 64p.

RUDDICK, Sara. *Maternal Thinking: Toward a Politics of Peace*. 2nd ed. Boston, MA: Beacon Pres, 1995.

KUHNEN, Tânia Aparecida. *O princípio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2015.

TRONTO, Joan Claire. *Caring Democracy. Market, Equality and Justice*. New York, New York University Press, 2013.